Mata atlântica, reprodução impossível

A Notícia 27 de maiio de 2004

Germano Woehl Jr.

Mesmo diante de um sonoro não da ciência e de exemplos bastante convincentes, contrários à idéia, tem-se difundido que o homem pode reproduzir ou restaurar a integridade de um ecossistema tropical tão complexo como é a mata atlântica, com o plantio de algumas mudinhas de árvores. A idéia beira a ficção científica. É claro que não podemos deixar de valorizar o esforço das pessoas, que na mais pura das boas intenções querem ajudar a todo o custo na reparação do dano causado e, como forma de satisfação pessoal, observar os resultados a curto prazo. Contudo, na inocente forma de "ajudar" a natureza pode-se, em vez disso, prejudicá-la, contaminando os ecossistemas com a introdução de espécies de outros lugares - uma mesma espécie de árvore, por exemplo, pode apresentar variações genéticas de uma região para outra, que, às vezes, estão separadas por uma distância não superior a 100 km.

Então, o que devemos fazer para salvar a mata atlântica? Devemos ficar de braços cruzados, já que temos de resistir à tentação de plantar algumas mudinhas de árvores porque estamos atrapalhando? A resposta para essa segunda questão é quase afirmativa. Mas, antes de prosseguir, devemos indagar o seguinte: quando se diz "proteger a mata atlântica", afinal de contas, queremos proteger a mata atlântica de quem? Quem ameaça a mata atlântica? São os ETs? Não, evidentemente. É o homem que tem levado a mata atlântica a essa situação de quase extermínio. Então, a mata atlântica deve ser protegida de nós mesmos. Não mexer mais nas áreas remanescentes é uma das medidas mais positivas em prol de sua possível recuperação.

Embora a mata atlântica esteja arrasada, restando em torno de 17% em Santa Catarina (e 7% no País), sendo menos de 1% de florestas intactas e o restante de secundárias, ou seja, que já foram destruídas e naturalmente estão se recuperando, ela tem uma extraordinária força de auto-regeneração, desde que, é claro, ainda ocorra uma área bem preservada nas proximidades com toda sua integridade em termos fauna e flora. Obviamente, essa condição está difícil de ser satisfeita em muitos lugares, mas, se a destruição for contida, ela ainda poderá ser satisfeita em muitas regiões de Santa Catarina, como no Norte do Estado, na serra do Mar e adjacências. E que força é essa capaz de replicar as florestas remanescentes? São os bichos, insetos, os ventos, os microorganismos decompositores etc. Ou seja, tudo o que faz parte da própria mata atlântica.

Só para dar um exemplo da força da natureza, um único pássaro é capaz de em um ano espalhar 100 mil sementes de árvores como o palmito e a canela. E se considerarmos sementes minúsculas como as das figueiras e embaúbas, esse número anual chega aos milhões. Ou seja, um único pássaro ou um morcego é capaz de produzir mais mudas de árvores nativas do que muitos viveiros. Além disso, os animais não discriminam outras plantas, como os

cipós, por exemplo, que na floresta atlântica são tão importantes quanto as árvores. Há cipós cujos frutos são apreciados por uma parcela significativa da fauna, mais até do que muitas árvores consideradas bagueiras (baga significa um fruto, muito apreciado pela fauna). Sem falar das plantas aéreas que vivem fixadas nas árvores, como as bromélias, orquídeas, cactos-de-árvore (Ripsalis) etc., cada uma com sua função ecológica tão importante quanto as árvores que as suportam.

Em toda a extensão da mata atlântica no Brasil, temos mais de 20 mil espécies de plantas e 2.160 espécies só de animais vertebrados (mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes). Espécies de animais invertebrados, como os insetos, por exemplo, temos aos milhares, nas mais bizarras formas. E todos esses organismos vivem de forma interdependente. Portanto, só o plantio das de árvores - a mata atlântica de Santa Catarina tem 714 espécies - não resolve o problema.

Evidentemente, devemos usar e abusar do plantio de árvores nativas da mata atlântica, com propósitos comerciais, ornamentais etc., desde que não sejam usadas as poucas áreas de floresta em regeneração. Para efetivamente salvarmos a mata atlântica, todo o nosso empenho deve ser no sentido de assegurarmos a preservação do que restou deste exuberante ecossistema, um dos mais importantes do mundo em termos de diversidade de vida, de acordo com dados científicos. O que restou é uma área tão pequena cuja exploração não vai resolver os problemas econômicos de ninguém. Se a destruição de 93% não acabou com a miséria, a destruição dos 7% restantes (que é a situação atual da mata atlântica no País), com certeza, também não. Muito pelo contrário, agravará ainda mais a miséria na zona rural e inviabilizará o desenvolvimento de nossas cidades, uma vez que as florestas garantem a produção de água, em abundância e qualidade.

Germano Woehl Jr., coordenador de projetos do Instituto Rã-bugio para Conservação da Biodiversidade, Guaramirim/ germano@ra-bugio.org.br